

CULTURA, ARTE, MÚSICA E INTELLECTUALIDADE: RETRATO DE UM MÚSICO.

Clarissa de Cássia CAMPOS (FIO)
Daniele MONTULEZE (Orientadora)

RESUMO

O presente artigo se mostra como fruto de uma pesquisa que buscou trabalhar as noções de cultura e arte. Tendo em vista o artista paranaense Paulo Braga Diniz encaminhamos a discussão dos eixos centrais, cultura e arte, permeando as questões metodológicas de análise da música e da produção artística do sujeito-objeto Paulo Diniz. Procurou-se evidenciar a arte como co-natural presente nos grupos e sendo esta uma forma de transformação social.

Palavras-chave: Arte, Música, Paulo Diniz.

ABSTRACT

The present article if shows as fruit of a research that it searched to work the slight knowledge of culture and art. In view of the paranaense artist Pablo Braga Diniz we direct the quarrel of the axles central offices, culture and art, encircling the methodologies questions of analysis of the music and the artistic production of the citizen-object Pablo Diniz. It was looked to evidence the art as co-natural gift in the groups and being this a form of social transformation.

Word-key: Art, Music, Pablo Diniz.

INTRODUÇÃO

“Cantar é próprio de quem ama”
(Santo Agostinho de Hipona).

Quem ou o que é o homem? Pergunta de cunho filosófico que intriga as artes e as ciências. O homem que nasce, vive, produz um legado e chega ao término de uma caminhada. O homem que pensa, age e, entre outros, produz bens materiais e imateriais. Enfim, naturalmente um artista.

Via de regra, com salvas exceções, os artistas não buscam fama, o que eles desejam é o reconhecimento do seu trabalho, que às vezes são reconhecidos em

vida, outras vezes após a sua morte em inúmeros casos nem são reconhecidos caindo praticamente na inexistência as contribuições de magistrais obras que expressam não apenas beleza ou intelectualidade, mas momentos de uma vida e de uma sociedade.

Entre as várias formas de expressão, está a música, e, entre os músicos Paulo Braga Diniz, artista paranaense, foco deste artigo que se caracteriza mais para um tributo em vida do que uma pesquisa propriamente dita.

Ao lançarmos um olhar sobre a pessoa do “Mestre” Paulo Diniz, levamos em conta outros aspectos que de forma ou outra permeiam o “sujeito-objeto” deste artigo-pesquisa. Vamos pesquisar qual a importância que a arte, a música teve na vida desse artista, entre outras coisas necessárias para não cairmos numa mera biografia.

CULTURA E ARTE: ALGUMAS NOÇÕES

Num mundo multicultural mencionar a palavra cultura ou produção de cultura se torna um mérito, para aqueles que bem conseguem fazê-lo, haja vista, da extensão de temática. Os prefixos *multi* ou até mesmo *pluri* acoplados a cultura maximizam o termo, bem como mostram as influências daquilo que consideremos como específico no global.

Vale dizer, entretanto, que mesmo tendo várias dimensões e enfoques o termo cultura parte da noção latina de produção para a sobrevivência. Portanto, cultura é feita mediante o mundo e sua interpretação. Partamos para a definição de cultura: um conjunto de símbolos elaborados num determinado tempo e lugar, cuja produção é um processo de auto-liberação progressiva do homem.

A cultura é processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, convertem em idéias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contanto inventivo com o mundo natural (VIEIRA PINTO, Álvaro, Apud: ARANHA; MARTINS, 1998, p.30).

Posto assim, elucida três tipos de cultura: erudita, pedagógica e antropológica (em sentido restrito). No primeiro caso significa uma grande quantidade de saberes sejam filosóficos, científicos ou artísticos. No segundo a educação, a formação, ou seja, um processo de aquisição de saberes, portanto ligado ao primeiro. Por fim, o

antropológico resume-se na frase de Taylor: “Um modo de viver próprio de uma sociedade” (Apud: MONDIN, 2008, p.207).

Com isso, o homem é um ser cultural, pois faz cultura em si e faz da cultura um meio de formação do indivíduo e da sociedade. Na cultura o homem enquanto homem se torna mais homem, assim, não é impossível notar que a cultura traz a arte e segundo FREITAS:

A arte é a compreensão dos nossos sentimentos, forças e fraquezas se encaixam, pois o ser humano, em sua essência, é um artista criativo. Tudo que foi tocado por mãos humanas é o resultado direto da criatividade de alguém. Toda criatividade, toda arte, é celebração de algum sentido perceptual. A música celebra audição. A pintura nos ensina ver. A dança nos mostra como nos movimentar e dominar os nossos sentidos de posição. A arte culinária refina o nosso paladar. Algumas artes combinam movimento e visão, outras combinam visão e som, outras ainda, compreensão e *insight*, mas todas exigem uma celebração de uma força, uma capacidade revelada pelos sentidos, e domínio de uma fraqueza, a imperfeição que é iluminada pelo próprio talento (2003, p.39).

Ao relatar o mundo com suas nuances e suas afinidades, acontece a arte. Ao produzirmos a arte, mudamos e interpretamos o mundo e fazemos a cultura. Das artes existentes temos a música, que nos encanta a audição e relaxa os demais sentidos.

A MÚSICA: PONTOS HISTÓRICOS

A música está presente na vida desde os primórdios contribuindo e evoluindo, no seu específico, com as culturas dos povos. De várias formas a música se fazia presente nos rituais religiosos ou ações bélicas ou é claro pelo lazer que pode proporcionar.

Dos tempos bíblicos temos os salmos que entoados formavam orações do povo judeu. Segundo CECHINATO “a palavra ‘Salmo’ quer dizer: ‘Louvores’. São poesias para serem cantadas” (2003, p.81). Fato perceptível no Salmo 150: “Louvai-o com cítara e harpa... Louvai-o com cordas e flautas...” (In: BIBLÍIA de Jerusalém, 2006, p.1019).

Na cultura grega a música também sob o signo da inspiração, por meio de musas, tinha o objetivo de cultivar o espírito além de constituir uma unidade poética, expressa com danças e a arte tonal, isto é, relativa à tonalidade conseguida pelo ritmo (cf. MOURÃO, 1991, p.1046).

No medievo, marcado pelo cristianismo, temos também uma contribuição para a musicalidade, escreve LE GOFF:

A Idade Média foi um grande período musical que criou e desenvolveu instrumentos como o alaúde e o órgão. Este atingiu tamanhas proporções que surgiram, nas igrejas, galerias com órgão cada vez maiores. Mas o principal instrumento musical, na Idade Média, era a voz humana. De fato, foram inventadas novas notações musicais, notas de solfejo, novas maneiras de cantar, particularmente em grupo: é a 'polifonia' (palavra que vem do grego que significa 'várias vozes'). Acrescentemos que, até o século XIV a música se modernizou sob formas especiais que foram chamadas *ars novas*, 'nova arte' (2007, p.103).

No decorrer da Idade Moderna percebemos que "o sentido da música consiste em reproduzir emoções ou estados externos ou internos" (DAHLHAUS. Apud: MOURÃO, 1991, p.1046). Deste modo, das várias formas musicais da época moderna, a arte imita a natureza, a apresenta. Exemplo clássico é Vivaldi (1678-1741).

Finalmente, na contemporaneidade a música se torna, antes de tudo, uma estrutura móvel com ilimitadas possibilidades e procedimentos, para novos estilos, uma mistura de ritmos, que é comum hoje em dia.

FOCANDO O ARTISTA

Tendo feito este processo em forma de funil chegamos, portanto, a Paulo Braga Diniz. Enquanto participante de uma cultura, ora considerada erudita, ora com aspectos regionais, produziu a arte através de música. Sabemos que a música é sinônimo de movimento, movimento de ritmo, ritmo de intervalos iguais. Contrário ao ritmo (intervalos iguais), o artista por si, é distinto de qualquer outro, tendo o que lhe é peculiar.

Nascido em Andirá-PR, no ano de 1943, descendente de paulistas, seus pais muito religiosos buscaram dar uma formação com os valores que sua família tinha, ingressando-o no Seminário Menor Nossa Senhora da Assunção de Jacarezinho, também Estado do Paraná, da onde, segundo ele, "deu uma boa base cultural,

artística, porque tínhamos música, atividades de pintura, onde eu adorava as aulas, pois já tinha uma ligação muito forte com as artes” (DINIZ, 2008)*.

Como artista nato, seu espírito de liberdade, desde cedo, aguçava-lhe a mente:

Eu gostava muito de ir ao aeroporto ver os aviões, onde fui ficando muito ousado porque eu fugia do seminário e corria no campo de aviação ver os aviões. E descobri que cada avião havia uma aeromoça, e fazia uma imagem maravilhosa, sempre impecável, com boina azul, saia azul e blusa branca. Então... eu ficava deslumbrado mesmo sem chegar perto... Certo dia, o padre – Bruno – me chamou para escovar seus sapatos, e enquanto eu engraxava-os ele me perguntou se eu gostava de música, e, eu respondi que sim, então ele disse: “Comece a estudar, porque na segunda-feira começo dar aula para você também”. Naquela tarde de sábado, atravessei um campo de futebol, e fiquei lá emocionado, onde chorei muito.

Com grande ascendência musical, logo começou a ensinar os demais colegas. Em 1959 saiu do Seminário, e residiu em Sorocaba-SP onde estudou piano. Em 1962, cumpre a convocação do exército. Em 1965, voltando a Jacarezinho-PR, assumiu o Coral Dom Geraldo¹. Mostrou-se durante sua vida um músico autodidata aprendendo vários instrumentos como: violino, viola de arau, flauta e outros.

Aprofundando-se nos estudos, tendo em vista a facilidade e a afinidade que tinha, buscou conhecimentos até mesmo fora do Brasil, quando obteve a oportunidade de cursar Técnicas Básicas de Violoncelo, uma grande paixão do artista, e Técnica Vocal, na cidade de Yellow Spring e Dayton, Estado de Ohio, nos Estados Unidos da América. Sua preferência, entretanto está relacionada à música sacra, CECHINATO propõe que na música religiosa “convém que se ouça o conjunto todo das vozes e não apenas uma ou duas vozes que se sobrepõem. Também o som dos instrumentos é para ajudar as vozes e não para abafar o canto” (2003, p.23).

Sua produção, além de dramaturgia e poesias, estas últimas editadas nos livros *Paralelo 2* e *Anjos Distraídos*, no campo musical segundo ele, têm

* Todas as citações relacionadas a Diniz datadas de 2008 são extraídas da entrevista feita aos dias 17 de abril deste ano corrente.

¹ Coral Dom Geraldo, fundado em 1952 por Pe. Bruno Welter. O Coral homenageia Dom Geraldo de Proença Sigaud, que foi bispo em Jacarezinho dos anos de 1947 a 1961, quando foi transferido como arcebispo de Diamantina nas Minas Gerais.

“composições editadas nos EUA, e que são vendidas em vários países como Alemanha, França, Holanda, dentre outros” (DINIZ, 2008).

Na dialética da vida, um artista jamais pára. Atualmente rege o Coral Comunitário Dom Geraldo. Tinha por projeto “fazer música instrumental aqui em Jacarezinho, mas está difícil, até porque, tivemos uma banda de dezoito instrumentos que foram roubados” (DINIZ, 2008).

Por ter formação clássica² com músicas voltadas para o sacro e para o erudito, ele declara que tem ouvidos absolutos para a música: “eu deito música, acordo música, eu vivo música. Eu ando tão esquecido, mas a única coisa que eu não me esqueço é como fazer um arranjo musical”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno musical, e toda a sua humanidade, *esta aí*. Presenciado por alguns, produzido por outros, mas na vida de todos. Ao nos lançarmos no trabalho de propor uma análise conjuntural de cultura e arte através da obra de um artista, se mostra como uma façanha quase que improvável, haja visto, ser assunto para verdadeiros tratados.

Nos grandes pensadores do século XX encontramos Antonio Gramsci que em sua obra definiu que uma revolução se faz por meio de intelectuais engajados em sua própria cultura. Por intelectual, de modo geral, devemos entender aquele que exerce funções organizativas em sentido lato quer seja no campo de produção propriamente dita, quer seja no campo da cultura (cf. PINTO, 2008).

Quando uma massa, um grupo busca sua independência e sua distinção das demais instituições, nestes, temos pessoas voltadas para organização chamado de intelectuais. Pessoas que colocaram seus conhecimentos e sua vida para se dedicar na construção de saberes que levam a uma mudança consciente de seu estado atual, bem como daqueles que comungam de suas idéias.

Para Gramsci, vale frisar, uma revolução se dá por intelectuais. Nesta perspectiva encaixamos o “Mestre” Paulo Braga Diniz, um músico respeitado e conceituado, com uma ampla formação no âmbito cultural, que contribuiu para o crescimento cultural e ensinamentos musicais de várias gerações, um artista

² Como clássicos entendemos uma forma musical baseada na exaltação da beleza tendo por base a unidade tonal “onde a música procura suprir-se a si mesma... buscando realizar a perfeição tão absoluta quanto possível da forma exterior” (RIBEIRO, 1965, p. 72). Exemplos são Bach, Mozart, Beethoven... .

revolucionário cultural. A quem ele se dedica? Segundo ele “àqueles que, pela educação, são sábios, pela sabedoria, humildes, pela humanidade, desconsiderados...” (DINIZ, 1987, p. 05).

FONTES

DINIZ, Paulo Braga. **Paralelo 2**. Jacarezinho, PR: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho: ^S/_{ano}.

_____. **Anjos distraídos**. Cambará, PR: Iara Artes Gráficas LTDA, 1987.

Entrevista feita a Paulo Braga Dinis em 17/04/2008 – Jacarezinho-PR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria L. de Arruda; MARTINS, Maria H. Pires. **Temas de filosofia**. ed. 2. São Paulo: Moderna, 1998.

BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. Bíblia em português. ed. 4. São Paulo: Paulus, 2006.

CECHINATO, Pe. Luiz. **A missa parte por parte**. ed. 35. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Conheça melhor a bíblia**: noções gerais da bíblia em linguagem popular. ed. 25. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREITAS, Osório Soares de. **Reencontro consigo mesmo**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A Idade Média**: explicada aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MONDIN, Batista. **Introdução a filosofia**. ed. 16. São Paulo: Paulus, 2006.

MOURÃO, Artur. *Música*. In: CABRAL, Roque et alli (dir.). **Logos**. v. 3. São Paulo: Vebus, 1991.

PINTO, Laudicéa de Souza. **Gramsci e os intelectuais**. In: acesso em 07 ago/2008, http://www.achegas.net/numero/onze/laudicea_pinto_11.htm.

RIBEIRO, Wagner. **História da música do antigo continente**. v. 2. São Paulo: F.T.D., 1965.